



ESCOLA DE
HUMANIDADES

VERITAS (PORTO ALEGRE)

Revista de Filosofia da PUCRS

Veritas, Porto Alegre, v. 67, n. 1, p. 1-23, jan.-dez. 2022

e-ISSN: 1984-6746 | ISSN-L: 0042-3955

<http://dx.doi.org/10.15448/1984-6746.2022.1.39787>

SEÇÃO: EPISTEMOLOGIA & FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Interseccionalidade e lugar de fala: uma articulação lógico-operatória com base no conceito de mundo estratificado setorial

Intersectionality and socially grounded speech: A logico-operatory articulation based on the concept of stratified sectorial world

Interseccionalidad y lugares de habla: una articulación lógico-operativa basada en el concepto de mundo estratificado sectorial

Antônio Carlos da Rocha Costa¹

[0000-0001-7954-8420](mailto:antonio.rocha@edu.pucrs.br)
antonio.rocha@edu.pucrs.br

Recebido em: 27 dez. 2020.

Aprovado em: 21 set. 2021.

Publicado em: 24 ago. 2022.

Resumo: Este artigo traz, desde uma perspectiva lógico-hegeliana, uma proposta de *articulação operatória* das noções de *interseccionalidade* e *lugar de fala*, com as quais, muitas vezes, se realizam análises de discursos e de situações sociais. O fundamento da proposta é a *sequência de silogismos de ideias* que, derivados da *Lógica* de Hegel, *estratificam* a noção de *mundo* em três níveis: *mundo do sujeito*, *mundo do gênero* e *mundo do espírito*. O artigo complementa esse fundamento introduzindo duas operações, *particionamento de ideias* e *superposição de partições de ideias*, com as quais é derivado o conceito geral *mundo setorial*. O artigo mostra, então, como as noções de *interseccionalidade* e *lugar de fala* podem ser articuladas operatorialmente pelas três formas particulares e estratificadas desse conceito geral: *mundo do sujeito setorial*, *mundo do gênero setorial* e *mundo do espírito setorial*.

Palavras-chave: Interseccionalidade. Lugar de fala. Lógica de Hegel. Mundo de gênero. Mundo do espírito.

Abstract: This paper brings, from a logico-hegelian perspective, a proposal for the operatory articulation of the notions of *intersectionality* and *place of speech* (or *standpoint*), which are often used in political and sociological analyses of discourses. The foundation of the proposal is the sequence of syllogisms that, derived from Hegel's *Logic*, stratify the notion of *world* in three levels: *World of the Subject*, *World of the Genus*, and *World of the Spirit*. The paper complements this foundation introducing two operations, *partitioning of ideas* and *superposition of partitions of ideas*, with which the general concept of *Sectorial World* can be derived. The paper shows, then, how the notions of *intersectionality* and *place of speech* may be operatorily articulated by the three particular and stratified forms of that general concept: *World of the Sectorial Subject*, *World of the Sectorial Genus*, and *World of the Sectorial Spirit*.

Keywords: Intersectionality. Place of speech. Hegel's logic. World of the genus. World of the spirit.

Resumen: Este artículo presenta, desde una perspectiva lógico-hegeliana, una propuesta de *articulación operatoria* de las nociones de *interseccionalidad* y de *lugar de habla*, que se utilizan a menudo en los análisis políticos y sociológicos de discursos. El fundamento de la propuesta es la *secuencia de silogismos* que, derivados de la *Lógica* de Hegel, *estratifican* la noción de *Mundo* en tres niveles: *mundo del sujeto*, *mundo del género* y *mundo del espíritu*. El artículo complementa este fundamento introduciendo dos operaciones, la *partición de ideas* y la *superposición de particiones de ideas*, con las que se puede derivar el concepto general de *mundo setorial*. El artículo muestra, entonces, cómo las nociones de *interseccionalidad* y *lugar de habla* pueden ser articuladas operativamente por las tres formas particulares e estratificadas de aquel concepto general: *mundo del sujeto setorial*, *mundo del género setorial* y *mundo del espíritu setorial*.

Palabras clave: Interseccionalidad. Lugar de habla. Lógica de Hegel. Mundo del género. Mundo del espíritu.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

Introdução

O trabalho apresentado aqui aplica, à análise das noções de *interseccionalidade* (AKOTIRENE, 2019; HOLLANDA, 2019) e *lugar de fala* (RIBEIRO, 2019), algumas das estruturas da *Lógica* de Hegel, em cuja formalização vimos trabalhando desde Costa (2019).²

O resultado é uma *articulação lógico-operatória* daquelas duas noções, com base no conceito lógico de *mundo setorial*, que presente trabalho introduz na *Lógica* de Hegel

O artigo está estruturado como segue. A seção 1 examina as noções correntes de *interseccionalidade* e *lugar de fala*, expondo suas respectivas estruturas lógico-operatórias.

A seção 2 apresenta a formulação lógico-operatória das três noções básicas, constitutivas da *Lógica* de Hegel, que fundamentam a articulação desenvolvida no trabalho: *conceito, ideia e silogismo*.

A seção 3 apresenta a derivação do conceito *mundo estratificado*. A seção 4 acrescenta duas operações à *Lógica* de Hegel, as operações de *particionamento de mundo* e de *superposição de partições de mundos*, as quais permitem derivar o conceito *mundo estratificado e superposto*, do qual deriva o conceito central do trabalho: *mundo setorial*.

A seção 5 faz uso do conceito *mundo setorial*, juntamente com a noção de *figura objetiva que realiza uma ideia*, para obter o resultado final do trabalho: a articulação lógico-operatória das noções de *interseccionalidade* e *lugar de fala*.

A última seção reúne as considerações finais.

1 As noções analisadas: interseccionalidade e lugar de fala

1.1 Interseccionalidade

O conceito de *interseccionalidade* tem uma origem difusa. O livro *Intersectionality* (COLLINS; BILGE, 2016), que apresenta uma visão abrangente desse *conceito*, não identifica um início preciso

para o mesmo, embora concorde com a opinião bastante generalizada de que o *termo* "interseccionalidade" tenha se difundido a partir do artigo – agora clássico – de Kimberlé Crenshaw (1989).

Collins e Bilge, por outro lado, apontam o valor de uma outra noção que Crenshaw também parece ter difundido: aquela *contra a qual* se constituiu o cerne do conceito de *interseccionalidade*, qual seja, a de *análises de eixo único*, isto é, análises de questões de desigualdade social que são feitas segundo *um único aspecto, uma única dimensão* da questão que está sendo analisada.

Mais precisamente, Collings e Bilge caracterizam o conceito de *interseccionalidade* do seguinte modo:

Os eventos e condições da vida social e política e da identidade raramente podem ser compreendidos como moldados por um único fator. Eles são geralmente moldados por muitos fatores em diferentes modos mutuamente influentes.

Quando se trata de desigualdade social, as vidas das pessoas e a organização do poder em uma dada sociedade são melhor compreendidas como sendo moldadas não por um único eixo de divisão social, seja ele raça ou gênero ou classe, mas por muitos eixos que operam em conjunto e se influenciam uns aos outros (COLLINGS; BILGE, 2016, p. 2).

Tomamos agora, para uma análise operatória da noção de *interseccionalidade*, o artigo de Crenshaw (1989).

1.1.2 A interseccionalidade segundo Crenshaw: um quadro teórico-operatório geral

No artigo "Demarginalizing the Intersection of Race and Sex" (CRENSHAW, 1989), Kimberlé Crenshaw introduziu a noção de interseccionalidade para dar conta de uma série de deficiências da *legislação antidiscriminatória* que estava vigente nos EUA naquela época. Em particular, essa legislação era deficitária na consideração da situação de indivíduos que participavam de *mais de um grupo social*, entre os grupos sociais,

² Para acompanhar o que parece ser a tendência da literatura nacional – ver, por exemplo, Akotirene (2019) ou Holanda (2019) –, empregamos aqui a variante "interseccionalidade", não a variante mais básica "interseccionalidade", assim como empregamos "interseccional" e, não, "interseccional"; mas damos preferência à variante "interseção" e, não, à variante "interseccção", em consonância com a forma usual "interseção". Por outro lado, utilizamos *place of speech* para expressar *lugar de fala* em Inglês, seguindo o exemplo da entrevista de Djamilá Ribeiro para o *blog* italiano Griot, entrevista em Inglês disponível em: <https://griotmag.com/en/aint-i-a-woman-djamilá-ribeiro-on-social-justice-black-feminism-and-the-place-of-speech>. Acesso em: 14 nov. 2021.

de *raça* e *sexo*, que aquela legislação então considerava: *brancos e negros, homens e mulheres*.

É na primeira seção, intitulada "O referencial conceitual antidiscriminatório", que Crenshaw analisa o referencial conceitual que, na época do artigo, sustentava a *doutrina jurídica antidiscriminatória* norte-americana (particularmente na área do *direito do trabalho*, relativamente ao problema das *condições de trabalho discriminatórias*), mostrando o quanto as decisões que derivavam dessa doutrina desconsideravam a *especificidade* da *experiência interseccional* das mulheres negras, relativamente às experiências das *mulheres em geral* e dos *negros em geral*.

Além disso, Crenshaw aponta, nessa primeira seção, o quanto o fato da *experiência interseccional* das mulheres negras estava ausente das reflexões de pensadores dos *direitos civis* e do *feminismo*, fato que trata em outras duas seções do artigo. Assim, embora a análise da relação entre a *experiência interseccional* das *mulheres negras* e as questões jurídicas tenha sido o foco principal do artigo, a análise da relação dessa experiência com essas outras questões também foi apresentada no restante do artigo.

A primeira seção de Crenshaw (1989), contudo, é a parte do artigo relevante para o presente trabalho. É dela que extraímos o seguinte *quadro teórico*, que acreditamos embasar o modo de *análise interseccional* inaugurado por Crenshaw.

1.1.3 O quadro teórico da análise interseccional

Os seguintes *conceitos* básicos constituem o *quadro teórico* de *análise interseccional* que consideramos no presente trabalho:

- a) *seção*: uma *subpopulação* de uma população de indivíduos, caracterizada por um *fator identitário singular* (*sexo, etnia etc.*), tal como: *Mulheres, Homens, Negros, Brancos etc.*;

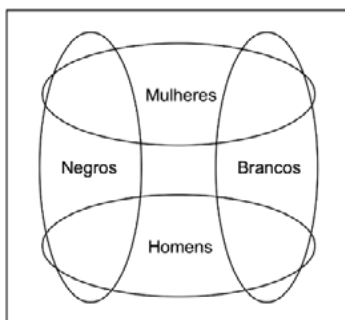
- b) *interseção*: uma *superposição* de duas ou mais *seções*, em um *esquema de interseccionalidade*, tal como: *Mulheres Negras, Homens Brancos Idosos etc.*
- c) *esquema de interseccionalidade*³: um *diagrama* mostrando o conjunto de *seções* e *interseções* utilizadas para a *análise interseccional* de uma situação social determinada, tal como o ilustrado pelo diagrama de Venn da Figura 1⁴
- d) *centralidade* (de uma *seção* ou *interseção*): *condição de privilégio* ou de *dominância*, própria de uma *seção* ou *interseção*, relativamente a outras *seções* ou *interseções* de um *esquema de interseccionalidade*, no que diz respeito a um determinado *fator* presente na situação social analisada (por exemplo: a frequente *centralidade* das *mulheres brancas*, relativamente às *mulheres negras*, no *discurso feminista dominante*);
- e) *perifericidade* (de uma *seção* ou *interseção*)⁵: *condição de desprivilégio* ou *subordinação*, própria de uma *seção* ou *interseção* relativamente a outras *seções* ou *interseções* de um *esquema de interseccionalidade*, no que diz respeito a um determinado *fator* presente na situação social analisada (por exemplo: a frequente *perifericidade* das *mulheres negras*, relativamente aos *homens negros*, na *doutrina jurídica* examinada por Crenshaw);
- f) *análise interseccional*: *análise* (sociológica, jurídica, cultural, ideológica etc.) de uma *situação social determinada*, tendo por base um *esquema de interseccionalidade* dessa situação, tal como, por exemplo, as análises realizadas em Crenshaw (1989).

³ A noção de esquema de interseccionalidade parece ter relação direta com o que Jota Mombaça denomina diagramas socialmente estabelecidos pelas lógicas do mundo como o conhecemos (MOMBAÇA, 2017, p. 1, nota 6).

⁴ Note-se que as áreas do diagrama que aparecem como *áreas vazias*, sem nomes, não são necessariamente vazias de população: elas indicam, possivelmente, *seções* da população que não foram nomeadas no *esquema de interseccionalidade* que o diagrama representa.

⁵ Derivamos o termo "perifericidade" de "periférico" assim como se deriva "esfericidade" de "esférico".

Figura 1 – Diagrama de Venn de um esquema de interseccionalidade



Fonte: Elaboração própria (2021).

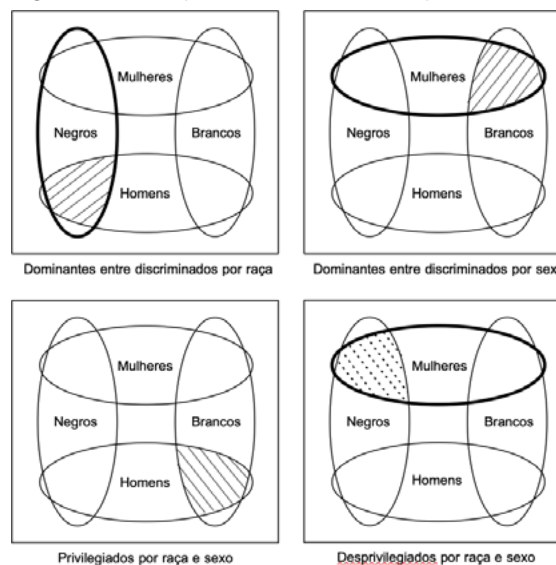
Note-se que a *centralidade* de uma seção ou interseção de um *esquema de interseccionalidade* é indicada graficamente, no diagrama que representa o esquema, pelo *hachuramento contínuo* dessa seção ou interseção, ao passo que a *perifericidade* de uma seção ou interseção é indicada pelo seu *hachuramento pontilhado*, como ilustrado na Figura 2.⁶

1.1.4 Alguns resultados das análises interseccionais realizadas por Crenshaw

A Figura 2 ilustra o uso de diagramas de Venn para apresentar os *esquemas de interseccionalidade* de algumas das *situações de interseccionalidade* analisadas em Crenshaw (1989):

- Figura 2 (superior, à esquerda): situações em que *Homens Negros* têm condição de centralidade, relativamente à seção *Negros*.
- Figura 2 (superior, à direita): situações em que *Mulheres Brancas* têm condição de centralidade, relativamente à seção *Mulheres*;
- Figura 2 (inferior, à esquerda): situações em que *Homens Brancos* têm condição de centralidade, relativamente a todas as seções;
- Figura 2 (inferior, à direita): situações em que *Mulheres Negras* têm condição de perifericidade, relativamente à seção *Mulheres*.

Figura 2 – Exemplos de centralidade e perifericidade



Fonte: Elaboração própria (2021).

Por outro lado, a Figura 3 esquematiza um *resultado geral* da análise realizada por Crenshaw sobre a doutrina do *direito antidiscriminatório* norte-americano que estava vigente na época da publicação do artigo.

Na visão de Crenshaw, aquela doutrina costumava assumir, implicitamente, um *grupo interseccional central* como o referente de suas leis, deixando à *discricionariedade* do julgador, ou à *jurisprudência* construída historicamente, a definição da situação jurídica concreta dos *grupos interseccionais periféricos*, em cada caso particular considerado.

Na Figura 3, a *seta dupla tracejada* indica a relação de *mútua determinação* entre o *direito antidiscriminatório* analisado e o *grupo interseccional central* que opera como *referente legal implícito* daquele *direito*. A figura evidencia, assim, a quantidade de *outros grupos interseccionais* que aquele *direito* costumava não contemplar apropriadamente.

⁶ Marcamos com traço mais espesso as seções ou interseções em relação às quais o diagrama indica uma centralidade ou perifericidade *relativa*. Deixamos todos os traços de seção e interseção com a mesma espessura quando aquela centralidade ou perifericidade é *absoluta*, isto é, quando é relativa a todas as seções ou interseções do diagrama.

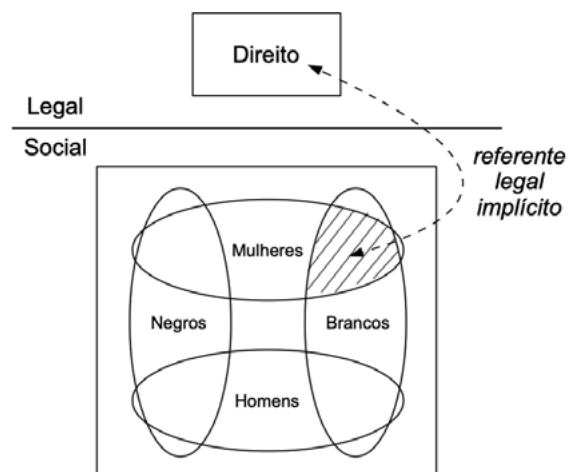
1.2 Lugar de fala

1.2.1 A difusão da noção

Em português, o texto que provavelmente mais contribuiu para difundir um discurso sistemático sobre a noção contemporânea de *lugar de fala* foi o livro *Lugar de Fala* (RIBEIRO, 2019).

Antes de *Lugar de Fala*, porém, outros textos procuraram apresentar sistematicamente aspectos centrais dessa noção, por exemplo Amaral (2005) e, especialmente, a tradução para o português do artigo "Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial", de Donna Haraway, publicado originalmente em Inglês em 1988. Esse artigo aponta para a necessidade de uma "teoria feminista dos saberes localizados" (HARAWAY, 1995, p. 39), na linha de pensamento proposta por Harding (1991).

Figura 3 – Esquema evidenciando a interseção *Mulheres Brancas* operando como *referente legal implícito* do direito antidiscriminatório, relativamente à seção *Mulheres*



Fonte: Elaboração própria (2021).

A noção de *perspectiva parcial*, noção central de tal artigo, se vincula nitidamente à noção contemporânea de *lugar de fala*:

Estou argumentando a favor de políticas e epistemologias de alocação, posicionamento e situação nas quais parcialidade e não universalidade é a condição de ser ouvido nas

propostas a fazer de conhecimento racional (HARAWAY, 1995, p. 30).

Não perseguimos a parcialidade em si mesma, mas pelas possibilidades de conexões e aberturas inesperadas que o conhecimento situado oferece. O único modo de encontrar uma visão mais ampla é estando em algum lugar em particular (HARAWAY, 1995, p. 33).

Para Djamila Ribeiro (2019, p. 57), porém, "a origem do termo é imprecisa" e sua definição foi se desenvolvendo historicamente, no contexto dos movimentos sociais que se apropriaram dela. Metodologicamente, contudo, Ribeiro considera possível uma aproximação definida à noção de lugar de fala: "Nossa hipótese é a de que a partir da teoria do ponto de vista feminista, é possível falar de lugar de fala" (RIBEIRO, 2019, p. 59).

A teoria do ponto de vista caracteriza pontos de vista do seguinte modo (ROLIN, 2009).⁷

- são lugares a partir dos quais os seres humanos veem o mundo;
- influenciam como as pessoas que o adotam constroem o mundo;
- diferenças entre grupos sociais criam diferenças entre os seus pontos de vista;
- são parciais, de modo que coexistem com outros pontos de vista;

o que sustenta adequadamente a hipótese aventada por Djamila Ribeiro, de que a noção de *lugar de fala* pode ser bem compreendida a partir da noção de *ponto de vista*.

1.2.2 Uma caracterização lógico-operatória

Do ponto de vista lógico-operatório, a noção de *lugar de fala* se caracteriza por relacionar grupos sociais a discursos – com estes últimos expressando não só sistemas de ideias, mas também modos de ser, já que, como salientou Djamila Ribeiro: "O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir" (RIBEIRO, 2019, p. 64).

Nessa perspectiva, a noção de *lugar de fala* parece ter surgido – mas com um sentido muito mais restrito – quando Marx e Engels relacionaram formas e conteúdos de sistemas de ideias e

⁷ Uma visão abrangente da teoria do ponto de vista está em: https://en.wikipedia.org/wiki/Standpoint_theory. Acesso em: 14 nov. 2021.

modos de ser a classes sociais. Mais especificamente, quando propuseram – como base para a metodologia de *análise ideológica* – identificar classes sociais como os *lugares* de onde certos discursos são emitidos e onde certos *sistemas de ideias e modos de ser* são estabelecidos.

O *locus* clássico dessa formulação está em *A Ideologia Alemã* (MARX; ENGELS, 2007), mais especificamente na seguinte passagem, amplamente reproduzida e difundida desde sua primeira publicação: "As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante" (MARX; ENGLES, 2007, p. 47).

A estrutura lógica dessa *primeira formulação* da noção de *lugar de fala* é simples:

- a) há um *sistema* de lugares de fala;
- b) cada *lugar de fala* é uma classe social;
- c) há uma *classe social dominante*, caracterizada pelo nível *dominante* da *força material* de que dispõe na sociedade;
- d) a classe dominante é o *lugar de fala dominante*, isto é, o lugar de onde são determinadas as *ideias*, os *discursos* e os *modos de ser dominantes* na sociedade.

A noção de *lugar de fala* que vige amplamente hoje em dia pode ser vista como uma *generalização*, ou *flexibilização*, dessa *versão inicial* concebida por Marx e Engels.⁸

O *sistema* de lugares de fala constituinte da noção contemporânea de *lugar de fala* é caracterizado, basicamente, por:

- a) admite um *número qualquer* de lugares de fala;
- b) os *lugares de fala* não estão restritos a classes sociais, podendo ser constituído

por qualquer tipo de *estrato* ou *grupo* social;

- c) os *lugares de fala* não precisam ser mutuamente excludentes: eles podem se superpor ou encaixar;
- d) não há, *necessariamente*, um lugar de fala *dominante*: pode haver *um*, *mais de um*, ou *nenhum* lugar de fala dominante.

Esta caracterização lógico-operatória da noção contemporânea de *lugar de fala* é a caracterização adotada no presente artigo.

2 As noções lógicas básicas

Nesta seção, apresentamos resumidamente os principais conceitos da *Lógica* de Hegel que são utilizados no presente artigo: *conceito*, *ideia*, *silogismo*.

2.1 Conceito

Um *conceito C* é uma estrutura composta de dois momentos, uma *universalidade U* e uma *particularidade P*, e de uma totalidade, a *singularidade S*. Esses elementos são como segue:

- a) o momento da *universalidade U* é um conceito que tem caráter *universal*, no duplo sentido de *ser simples* e de se aplicar aos *objetos* de um *universo de objetos*;
- b) o momento da *particularidade P* deriva de *U* por uma *determinidade* que é acrescentada a *U*, estabelecendo um escopo de aplicação *particular* para *P* e constituindo *C* como um conceito *composto*;⁹
- c) a *singularidade* é a *totalidade* de , que encapsula o relacionamento de com em uma estrutura *singular*.

⁸ Como observado em Ribeiro, (2019, p. 62), Patricia Collins tem opinião análoga: "Examinando inicialmente apenas uma dimensão das relações de poder, a de classe social, Marx afirmou que, por mais desarticulados e incipientes que fossem, os grupos oprimidos possuíam um ponto de vista particular sobre a desigualdade. Nas versões mais contemporâneas, a desigualdade foi revista para refletir um grau maior de complexidade, especialmente a da raça e do gênero. O que temos agora é uma sofisticação crescente sobre como discutir a localização de grupos, não na estrutura singular de classe social proposta por Marx, nem nas primeiras estruturas feministas, argumentando a primazia do gênero, mas dentro de construções de multiplicidade que residem nas próprias estruturas sociais e não nas mulheres individuais" (COLLINS, 1997, p. 377, tradução nossa).

⁹ Na perspectiva da *atividade própria* da universalidade *U*, tal como essa perspectiva é proposta por Hegel, a *determinidade* resulta de uma autodeterminação de *U* que se põe, com isso, como a particularidade *P*, ambos se suprassumindo, então, na singularidade *S*.

- d) Denotamos a estrutura de C na forma $C = [U \rightarrow P]$. Nesta expressão:
- e) o símbolo " \rightarrow " denota que U determina (ou, *está presente* em P);¹⁰
- f) o símbolo "[...]" denota a *singularidade* de S e C representando o *encapsulamento* de $U \rightarrow P$.

$$I_A = [I_T \triangleright \triangleleft I_P]$$

Denotamos uma ideia I por $I = [C - O]$ quando não estamos interessados em especificar se I é uma ideia teórica ou *prática* ou *absoluta*.

Claramente, toda *ideia absoluta* é uma estrutura *ideal* que, portanto, só se realiza de modo parcial na exterioridade do pensamento, dado que, nela toda *objetividade* é finita e a realização plena de qualquer *ideia absoluta* só pode se realizar plenamente com base em uma *objetividade ideal* de caráter *infinito*, portanto, apenas no plano do pensamento.¹⁴

2.2 Ideia e ideia absoluta

Uma *ideia* I é uma estrutura composta de dois momentos, um *conceito* C e uma *objetividade* O , e de uma *relação* R estabelecida entre eles.¹¹

Há três tipos possíveis para a *relação* R , constituindo três tipos de *ideias*:

- a) uma *ideia teórica*, denotada por I_T , é uma *ideia* em que R determina a *adequação* do *conceito* C à *objetividade*;
- b) uma *ideia prática*, denotada por I_P , é uma *ideia* em que R determina a *adequação* da *objetividade* O ao *conceito* C ;
- c) uma *ideia absoluta*, denotada por I_A , é uma *ideia* R em que determina a *adequação* simultaneamente *teórica* e *prática* entre o *conceito* C e a *objetividade* O .¹²

Denotamos essas *ideias* na forma:

- d) *ideia teórica*: $I_T = [C \leftarrow O]$, onde o símbolo " \leftarrow " denota a *adequação teórica* de C a O ;
- e) *ideia prática*: $I_P = [C \rightarrow O]$, onde o símbolo " \rightarrow " denota a *adequação prática* de O a C ;
- f) *ideia absoluta*: $I_A = [C \leftrightarrow O]$, onde o símbolo " \leftrightarrow " denota a *relação de dupla adequação*, teórica e prática, entre C e O .

Em termos da *relação* chamada de *unidade negativa*, que une uma *ideia teórica* a uma *ideia prática* em uma *ideia absoluta*, denotamos uma *ideia absoluta* por¹³:

2.3 Silogismo

2.3.1 Silogismo de conceitos

Como apresentado em Costa (2020b), entendemos que a noção de *silogismo*, na *Lógica* de Hegel, tem um caráter *semântico-estrutural*, não o caráter *sintático-dedutivo* estabelecido pela tradição medieval.

Assim, consideramos que, na *Lógica* de Hegel, um *silogismo* é uma estrutura composta de *três conceitos* e *três relações*:

- a) os *três conceitos*: um *termo maior* A , um *termo médio* B e um *termo menor* C ;¹⁵
- b) as *três relações*: uma *relação dita premissa maior*, uma *relação dita premissa menor* e uma *relação dita conclusão*.

Semanticamente, temos que:

- c) a *premissa maior* significa que o *termo maior* determina o (ou, *está presente* no) *termo médio*;

¹⁰ Ver Costa (2020b), para a equivalência entre as expressões *determina* e *está presente em*.

¹¹ É importante a distinção entre um *conceito* se relacionar a um *objeto* e ele se relacionar a uma *objetividade*: é que, em geral, um *conceito* referente a um *objeto* refere-se não apenas a esse *objeto* enquanto tal, mas também às *relações* que ele mantém com outros objetos. A *objetividade* é, exatamente, esse *complexo* composto pelo *objeto referido* e pela sua *rede de relações* com outros objetos – ver HEGEL, 2018, p. 117.

¹² Na expressão de Hegel, uma *ideia absoluta* é constituída pela *identidade das ideias teórica e prática* estabelecidas entre seu *conceito* e sua *objetividade* (HEGEL, 2018, p. 313).

¹³ O símbolo " $\triangleright \triangleleft$ " denota, aqui, a forma lógica da *relação geral* de , tal como analisada em Costa (2019).

¹⁴ Sobre a importância da distinção entre o *plano do pensamento* e a *objetividade exterior*, ou *plano exterior ao pensamento*, assim como o modo de *relação* entre eles através da operação de *negação exterior*, ver (COSTA, 2021b).

¹⁵ As notações A, B e C correspondem, respectivamente, às notações U, P e S adotadas por Hegel, ver (HEGEL, 2018, p. 135). Preferimos utilizar essa notação (A, B e C) para indicar os *conceitos* que operam como *termos de um silogismo*, visando evitar a confusão entre essa noção de *termo de um silogismo* e a noção de *momento de um conceito* (para a qual utilizamos as notações U, P e S).

- d) a premissa menor significa que o termo médio determina o (ou, está presente no) termo menor ;
- e) a conclusão significa que o termo maior determina o (ou, está presente no) termo menor .

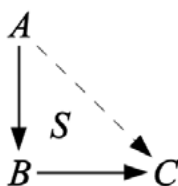
Mantemos, como Hegel, a terminologia da tradição sintático-dedutiva medieval e dizemos que cada uma das relações , e constitui um *juízo* componente do silogismo, os juízos e sendo chamados *premissas* e o juízo , *conclusão*.

Denotamos um *silogismo* por¹⁶:

$$S=A/B/C$$

Graficamente, apresentamos um silogismo $S=A/B/C$ conforme a Figura 4.

Figura 4 – Diagrama comutativo de um silogismo



Fonte: Elaboração própria (2021).

Lemos esse *diagrama comutativo* da seguinte forma:

- a) A seta $A \rightarrow B$ indica que o termo B está *determinado* pelo termo A , o que pode ser entendido de diversas maneiras, por exemplo:
- que é preciso *definir* completamente o conceito A primeiramente, para depois se poder *definir* completamente o conceito B ;
 - que o conceito A é *parte integrante* do conceito B (na terminologia de Hegel: que o conceito A é *momento* do conceito B).

- b) O mesmo ocorre com as setas $B \rightarrow C$ e $A \rightarrow C$.

- b) Por outro lado, o silogismo estabelece que as setas $A \rightarrow B$ e $B \rightarrow C$ e devem ser validadas cada uma por si, como condição preliminar para a validação da seta $A \rightarrow C$.

- c) Porém, que a validação, da seta $A \rightarrow C$ não deve ser feita por ela mesma, mas sim deve ser tomada como uma decorrência lógica da validação das outras duas, isto é, a ela decorre automaticamente das outras duas: sua validação é uma conclusão lógica necessária da validação, das outras duas.¹⁷

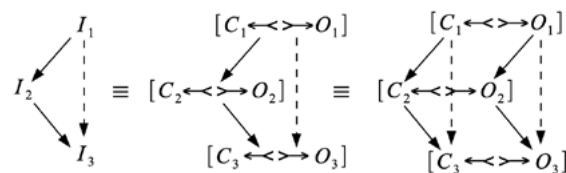
Por vezes, dizemos que os *silogismos* que têm a forma $S=A/B/C$ são *silogismos de conceitos*, para diferenciá-los dos *silogismos de ideias absolutas*, que introduzimos a seguir.

Sempre que conveniente, omitimos no diagrama a escrita do nome do silogismo, S .

2.3.2 Silogismo de ideias absolutas

As Figuras 5 e 6 ilustram a noção de *silogismo de ideias absolutas*. Na Figura 5, o *silogismo de ideias absolutas* $S = I_1/I_2/I_3$ é mostrado tomando cada *ideia absoluta* como tendo uma *estrutura de conceito e objeto*, dada por $I_i = [C_i \leftrightarrow O_i]$. Já, na Figura 6, cada *ideia absoluta* I_i é tomada com *estrutura de devir*, dada por $I_i = [I_{IT} \triangleright \triangleleft I_{IT}]$.

Figura 5 – Uma estrutura para os *silogismos de ideias absolutas*



Fonte: Elaboração própria (2021).

Vê-se, na Figura 6, que um *silogismo de ideias absolutas* pode ser pensado como sendo constituído pela *unidade negativa* de um *silogismo de ideias teóricas* e de um *silogismo de ideias práticas*. No

¹⁶ Em consonância com a nota de rodapé 11, a notação $A/B/C$ corresponde à notação $U-P-S$ utilizada por Hegel, ver (HEGEL, 2018, p. 135).

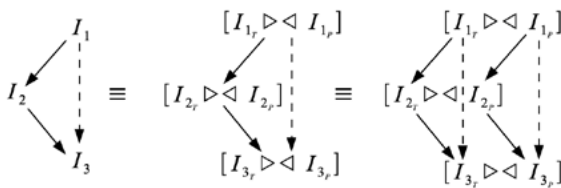
¹⁷ Em outros termos, que sua validação decorre da propriedade de *transitividade* da relação *determina (está presente em)*.

que segue, adotaremos a estrutura de *silogismos de ideias absolutas* mostrada na Figura 5.

A introdução da noção de *silogismo de ideias absolutas* se faz necessária, aqui, para possibilitar a derivação dos *quatro silogismos* que derivamos da *Lógica* de Hegel e que estão no cerne do presente artigo, conforme examinado na próxima seção.¹⁸

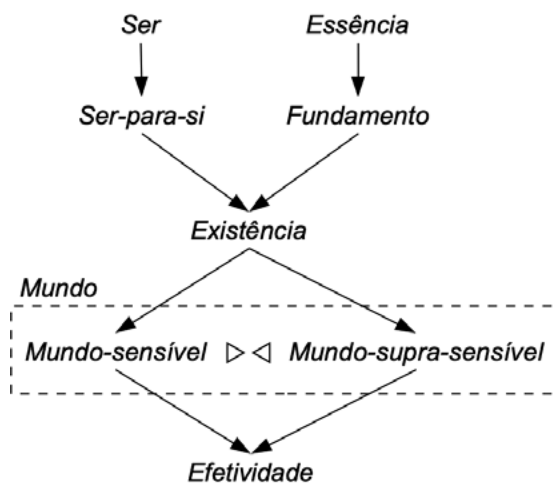
- a) *Vida-Universal/Vida-Singularizada/Indivíduo*;
- b) *Vida-Universal/Indivíduo/Sujeito*;
- c) *Vida-Universal/Sujeito/Gênero*;
- d) *Vida-Universal/Gênero/Espírito*.

Figura 6 – Outra estrutura para os *silogismos de ideias absolutas*



Fonte: Elaboração própria (2021).

Figura 7 – O contexto de derivação do conceito *mundo*



Fonte: Elaboração própria (2021).

3 O conceito de mundo e sua estratificação¹⁹

3.1 O conceito de mundo

O lugar da primeira referência ao conceito de *mundo*, na *Ciência da Lógica* de Hegel, é o capítulo "A Existência, da Doutrina da Essência" (HEGEL, 2017). O conceito reaparece na seção "O mundo que aparece" e "o Mundo que é Em Si" do capítulo seguinte, na qual é tratada a *divisão* desse conceito. Contudo, a derivação do conceito *mundo* se dá, propriamente, no capítulo "A vida, da doutrina do conceito", terceiro livro da *Ciência da Lógica* (HEGEL, 2018).

Note-se, por outro lado, que o conceito de *mundo* tratado por Hegel na *Ciência da Lógica* é o conceito lógico de mundo, em oposição aos conceitos *concretos* de *mundo*

que Hegel trata na *Fenomenologia do Espírito* (HEGEL, 2002).

O que segue, na presente seção, é uma articulação coordenada da derivação do conceito *Mundo*, a partir do conceito de *Existência*. Esquematizamos na Figura 7 essa articulação, levando-a até a derivação do conceito *Efetividade*.

Formalmente, os principais momentos dessa derivação do conceito *efetividade*, passando pelo conceito *mundo*, a partir do conceito *existência*, são os mostrados na Derivação 1.²⁰

Derivação 1 – Derivação do conceito de *efetividade* a partir do conceito de *existência*, passando pelo conceito de *mundo*

¹⁸ Note-se que a noção de *gênero* empregada nesta seção, bem como no restante do artigo, é a noção de gênero presente na *Lógica* de Hegel – isto é, *gênero* no sentido de um *universo* de sujeitos –, não *gênero* no sentido *identitário*, relativo à questão da sexualidade, como esse termo costuma frequentemente ser utilizado.

¹⁹ O conteúdo desta seção provém, em forma revisada, do artigo Costa (2020b) – ver também Costa (2020a).

²⁰ Indicamos os comentários aos passos da derivação pelo sinal "#".

1. Iniciamos a derivação com: *Existência* = [Ser- \acute{a} \triangleright \triangleleft Fundamento]
 # A Existência, considerada em geral, é a unidade negativa do Ser que se tornou
 # Ser-para-si e da Essência que se tornou Fundamento²¹;
2. Com a diferenciação entre: *ExistênciaSensível* e *ExistênciaNãoSensível*
 resulta: *Existência* = *ExistênciaSensível* \triangleright \triangleleft *ExistênciaNãoSensível*.
 # A "Existência" determinada é o devir da "ExistênciaSensível" e da #ExistênciaNãoSensível;
3. O Mundo é definido, então, por: *Mundo* = \sqcup (Existência).
 # O Mundo é o universo das coisas da Existência²²;
4. Com base na distinção entre *ExistênciaSensível* e *ExistênciaNãoSensível* vem:
Mundo = \sqcup (*ExistênciaSensível*) \triangleright \triangleleft \sqcup (*ExistênciaNãoSensível*)
 # O Mundo é o devir entre o universo das coisas da *ExistênciaSensível* e o
 # universo das coisas da *ExistênciaNãoSensível*;
5. Com as duas denotações: *MundoSupraSensível* = \sqcup (*ExistênciaSensível*) e
MundoSupraSensível = \sqcup (*ExistênciaNãoSensível*)
 resulta: *Mundo* = *MundoSensível* \triangleright \triangleleft *MundoNãoSensível*
 # O Mundo é o devir do *MundoSensível* e do *MundoNãoSensível*²³;
6. Definindo a *Efetividade* como a unidade resultante da suprassunção do Mundo:
Efetividade = [Mundo] resulta:
Efetividade = [MundoSensível \triangleright \triangleleft MundoNãoSensível]
 # A *Efetividade* é a unidade resultante da suprassunção do devir entre o # *MundoSensível* e do
*MundoNãoSensível*²⁴ .

Fonte: Elaboração própria (2021).

3.2 A estratificação do conceito de mundo

Examinamos, nesta seção, os quatro silogismos de ideias que estratificam o conceito mundo:

- a) *vida-universal/vida-singularizada/individuo*;
- b) *vida-universal/individuo/sujeito*;
- c) *vida-universal/sujeito/gênero*;
- d) *vida-universal/gênero/espírito*.

As derivações dos quatro silogismos estão esquematizadas na Figura 8, com os silogismos concatenados de modo que a conclusão de um seja uma premissa do

seguinte para um detalhamento dessas derivações (COSTA, 2020a).

A Figura 8 indica que Hegel denomina processo a conclusão de cada um desses silogismos. Consoantemente, denominamos os quatro processos, correspondentes às conclusões dos quatro silogismos: *processo do individuo*, *processo do sujeito*, *processo do gênero* e *processo do espírito*.

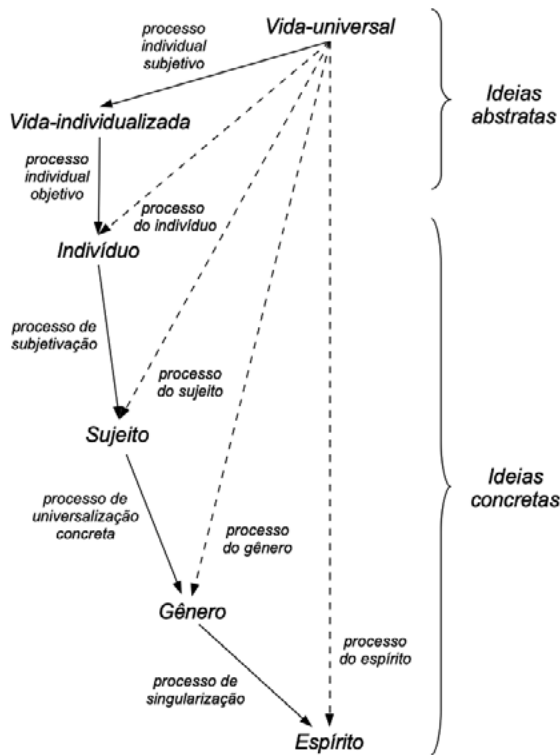
²¹ Na expressão de Hegel, a existência é "a unidade indiferenciada da essência com sua imediatidade" (HEGEL, 2017, p. 133), as quais, ao nível dos conceitos terminais das esferas do Ser e da Essência correspondem, respectivamente, ao Ser-para-si e ao Fundamento.

²² Utilizamos " $\sqcup(C)$ " para indicar o universo dos objetos que caem sob o conceito C.

²³ Ou, na terminologia mais propriamente lógica de Hegel, mundo que aparece e mundo que é em si, respectivamente.

²⁴ Na expressão de Hegel: "A efetividade é a unidade da essência e da existência" (2017, p. 191).

Derivação 2 – A derivação dos quatro silogismos de ideias



Fonte: Elaboração própria (2021).

Note-se, por outro lado, que a Figura 8 distingue, nos silogismos, entre as *ideias abstratas* (a *Vida Universal* e a *Vida Individualizada*) e as *ideias concretas* (as quatro ideias de *Indivíduo*, *Sujeito*, *Gênero* e *Espírito*).

Note-se, também, que a sequência de setas cheias é uma sequência de setas componentes de silogismos, que pode ser lida de diversas formas como, por exemplo:

O conceito *Espírito* tem como momento o conceito *Gênero*, o qual tem como momento o conceito *Sujeito*, o qual tem como momento o conceito *Indivíduo*, o qual tem como momento o conceito *Vida-individualizada*, o qual tem como momento o conceito *Vida-universal*.

Ou:

- No conceito *espírito* opera o conceito *gênero* etc.

Ou, indo bem além de uma leitura estritamente lógica:

- Só há *gênero* ativo se houver *espírito* ativo, e vice-versa; só há *sujeito* ativo se houver *gênero* ativo, e vice-versa; etc.

A seguir, examinamos em mais detalhe as derivações dos silogismos, explicitando o modo como o conceito de *mundo* participa em cada um deles, o que está apenas implícito na derivação fornecida por Hegel no capítulo "A vida, na doutrina do conceito" (HEGEL, 2018, p. 245-259).²⁵

3.2.1 A ideia de vida universal

Hegel introduz a *ideia de vida* em (HEGEL, 2018, p. 245-249), comentando que a *ideia de vida* pareceria ultrapassar o âmbito da *Lógica*, isto é, que pareceria ser um *objeto exterior* e, portanto, objeto apenas de ciências outras que não a *Lógica*.

Porém:

a visão lógica da vida se diferencia da visão científica sobre a mesma [...] a vida lógica, enquanto ideia pura, tem de ser diferenciada da vida natural, que é considerada na filosofia da natureza, e da vida enquanto está em conexão com o espírito (HEGEL, 2018, p. 246).²⁶

Constituem-se, assim, *duas ideias de vida*, com seus correspondentes *movimentos lógicos*:

- a *vida exterior*, cujo movimento lógico é o da *interiorização*, progredindo desde a *vida natural* e a *vida do espírito* até o *conceito lógico de vida*, que Hegel denomina *vida lógica*, realizando assim a *adequação teórica* da vida lógica à vida natural e à vida do espírito, constituindo com isso a *ideia teórica de vida*, que denotamos por:

$$Vida_{\text{Teor}} = [VidaLógica \leftrightarrow VidaNatEspirit]$$

- a *vida lógica*, cujo movimento lógico é o da *exteriorização*, progredindo desde o *conceito lógico de vida* até a *vida natural* e a *vida do espírito*, realizando assim a *adequação da vida natural e do espírito à vida lógica*, constituindo a *ideia prática de vida*, que denotamos por:

²⁵ Para leituras desse capítulo, com mais preocupações interpretativas e menos preocupações formais, ver, p.ex., (SILVA, 2018) e (Ng, 2020).

²⁶ É importante notar que na *Lógica da Enciclopédia*, Hegel refere como a origem deste conceito de vida, portanto um *sentido essencial* do mesmo, o conceito mais geral de *vitalidade*, retirado da *Crítica da Faculdade de Julgar* de Kant – ver HEGEL, 2012, p. 131).

$$Vida_{Prát} = [VidaLógica \leftrightarrow VidaNatEspírit]$$

Da dupla adequação, da *teórica* e *prática* da ideia de *vida*, resulta a *ideia absoluta de vida*, que Hegel denomina *vida universal* e que denotamos por:

$$Vida_{Univ} = [VidaLógica \leftrightarrow \leftrightarrow VidaNatEspírit]$$

Em termos da *unidade negativa* de seus dois momentos, *ideia teórica de vida* e *ideia prática de vida*, denotamos a *vida universal* por:

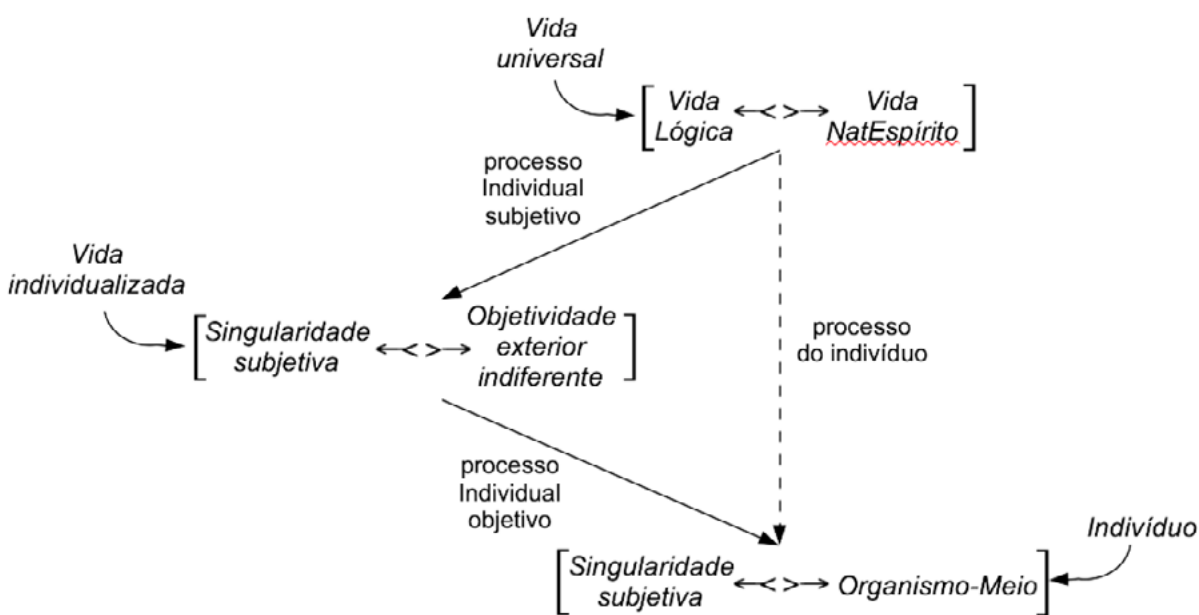
$$Vida_{Univ} = [Vida_{Teor} \triangleright \triangleleft Vida_{Prát}]$$

Que a vida universal é *ideia imediata*, e por isso *ideia absoluta*, se vê diretamente na forma como Hegel se expressa:

O conceito de vida ou a vida universal é [uma] ideia imediata, o conceito [vida lógica] ao qual sua objetividade [vida natural e vida em relação ao espírito] é adequada [constituindo, com isso, a vida teórica; mas ela lhe é adequada [teoricamente] somente na medida em que o conceito [vida lógica] está em unidade negativa com essa exterioridade, quer dizer, põe-na como adequada a si [constituindo com isso a ideia vida prática e portanto, no total, a vida universal como ideia absoluta] (HEGEL, 2018, p. 249).

3.2.2 O silogismo do indivíduo

Figura 9 – O silogismo do indivíduo



Fonte: Elaboração própria (2021).

Denominamos *processo do indivíduo* a relação pelo qual a *vida universal*, apreendida imediatamente como *ideia absoluta*, se realiza na *objetividade* sob a forma da ideia do *indivíduo*, constituída por uma *singularidade subjetiva* contraposta a um *organismo* objetivo.²⁷

O *processo do indivíduo* é formado por uma composição de dois processos, o *processo indi*

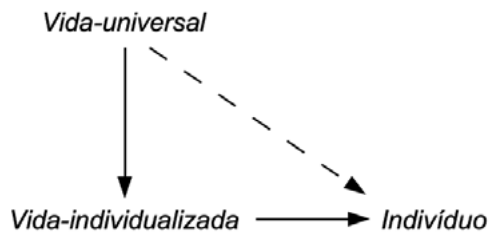
vidual subjetivo, que constitui a *subjetividade* do indivíduo frente a uma *objetividade indiferente*, e o *processo individual objetivo*, que constitui a estrutura *organismo-meio* como a *objetividade* do indivíduo.²⁸

A Figura 9 esquematiza o *silogismo do indivíduo*, que deriva o *processo do indivíduo*. A Figura 10 esquematiza o "resultado líquido" desse silogismo.

²⁷ "a vida é *processo da vida* [...], de se efetivar como potência e unidade negativa da objetividade" (HEGEL, 2018, p. 248).

²⁸ Hegel chama o *processo individual objetivo* de *processo vital* (HEGEL, 2018, p. 245-254).

Figura 10 – Resultado líquido do silogismo do indivíduo



Fonte: Elaboração própria (2021)

Note-se que, na *Lógica* de Hegel, a ideia de *indivíduo* é uma ideia *absoluta*, a qual determina uma *singularidade subjetiva* que é teórica e praticamente adequada à estrutura *organismo-meio* que opera como sua *objetividade*. Como qualquer *ideia absoluta*, portanto, é uma construção *ideal*, que se realiza na *objetividade externa* apenas de modo apenas parcial, conforme enfatizamos na Seção 3.2.

3.2.3 O silogismo do sujeito

A primeira derivação do conceito *mundo* ocorre no silogismo em que o *Indivíduo* se põe como *Sujeito*, o que implica não só ele ser capaz de relacionar-se com o *meio exterior* através dos recursos *mecânicos* e *químicos* do seu *organismo*, mas também ele ser capaz de *significação*, isto é, de realizar *processos significativos*.

Quer dizer, o *Indivíduo* pôr-se como *Sujeito* implica sua capacitação para pôr *conceitos* na *objetividade externa*, fazendo com que ela deixe de ser *indiferente* e se torne *mundo objetivo* (HEGEL, 2018, p. 255). Chamamos esse mundo objetivo de *mundo do Sujeito*.

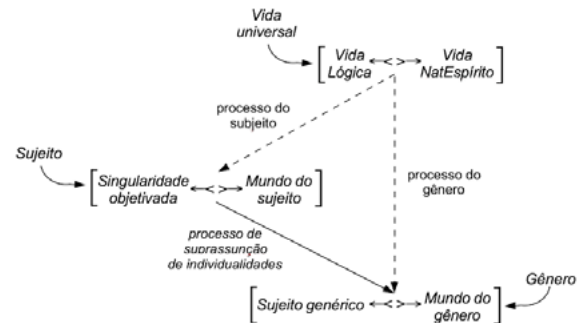
A Figura 11 esquematiza o *silogismo do sujeito*, que deriva o *processo do sujeito*.

Figura 11 – O silogismo do sujeito



Fonte: Elaboração própria (2021).

Figura 12 – O Silogismo do Gênero



Fonte: Elaboração própria (2021).

Note-se que a ideia de *sujeito* tem caráter intencional, isto é, a relação entre sua *singularidade objetivada* e o *mundo-do-sujeito* que lhe corresponde se dá com base em processos de *atribuição de significados* aos componentes desse *mundo*, assim como com base em *processos de reconhecimento* dos outros *Sujeitos* que estejam presentes nesse *mundo*.

3.2.4 O silogismo do gênero

O *processo do gênero* opera com base em um *processo de reconhecimento*, fazendo os *Sujeitos* reconhecerem, nos seus respectivos *mundos do sujeito*, aqueles *Indivíduos* com que podem ser identificados como *sujeitos* que têm a *mesma natureza* que eles.

Com isso, o *processo do gênero* suprassume a *multiplicidade dos sujeitos* na forma de um *sujeito genérico*, constituindo a ideia *gênero* como uma multiplicidade de *sujeitos de mesmo gênero*, vivendo em um mesmo *mundo do gênero*.

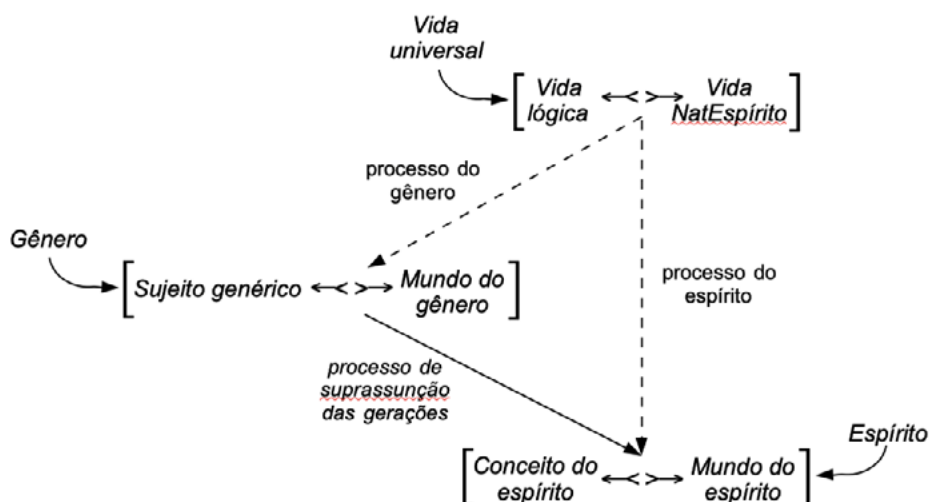
Uma *multiplicidade de sujeitos de mesmo gênero*, porém, em que os *sujeitos* estão presentes não apenas simultaneamente, mas ao longo do tempo: a *ideia do gênero* é, pelo seu atuar na *multiplicidade de sujeitos*, o germe da *sucessão das gerações de sujeitos*, na "repetição" e "processo infinito" dessa sucessão (HEGEL; 2018, p. 259).

A Figura 11 esquematiza o *silogismo do gênero*, que deriva o *processo do gênero*. Note-se que a ideia de *Gênero* é *múltipla*, mas uma *multiplicidade* tal que não constitui uma *totalidade*, pois os múltiplos *Sujeitos* individuais que a compõe, apesar de se subsumirem todos sob o conceito de *Sujeito*

genérico, mantém-se como independentes uns dos outros, pois o mero *reconhecimento mútuo* deles não é suficiente para integrá-los operatoriamente. Em outros termos, o conceito de *Sujeito genérico* opera como um *representante genérico* daqueles

múltiplos sujeitos, isto é, como uma estrutura formal que flutua referencialmente sobre eles, mas que não os faz operar como uma *unidade*.

Figura 13 – O silogismo do espírito



Fonte: Elaboração própria (2021).

3.2.5 O silogismo do espírito

Finalmente, o *processo do espírito* constitui a ideia *espírito*, pondo o *gênero* como *espírito*, isto é, como uma *totalidade* realizada em um *mundo do espírito*.

A ideia *Espírito* suprassume "a particularidade [da ideia *gênero*] que constituiu [a sucessão das] *gerações vivas*" e se dá, assim, "uma realidade [o *espírito*] que é, ela mesma, *universalidade simples*" (HEGEL, 2018, p. 259).

Quer dizer, o *espírito* que se deriva, como *universalidade*, diretamente da ideia *gênero* é o *espírito* apenas enquanto *ideia lógica*, isto é, enquanto o *conceito de Espírito* em adequação teórica e prática com o *mundo do espírito*, não o "*Espírito enquanto tal*" (HEGEL, 2018, p. 267), que dizer, o *espírito* efetivamente realizado.

A ideia lógica de *espírito* é, portanto, a *unidade ideal* da sucessão de *gerações do gênero* e da sucessão dos *mundos de gênero* de cada uma

dessas *gerações* e constitui, por isso, a estrutura lógica fundamental de toda *genealogia*.²⁹

A Figura 13 esquematiza o *silogismo do espírito*, que deriva o *processo do espírito*.

Note-se que, pelo *processo de supressão das gerações*, a multiplicidade de sujeitos subjacente ao *sujeito genérico* foi encapsulada no *conceito de espírito*, como uma *unidade* e como o momento conceitual da ideia lógica de *espírito*. Com isso, a ideia lógica de *espírito* se põe como uma condição de possibilidade, de caráter lógico – sem a qual, portanto, a multiplicidade de sujeitos componentes do *Gênero* não tem como operar como uma *unidade*.

3.3 O conceito de mundo estratificado

Resulta da composição dos três últimos silogismos (*silogismo do sujeito*, *silogismo do gênero* e *silogismo do espírito*), que o conceito *mundo* é estratificado em três níveis, enquanto conjunto de

²⁹ Ver Costa, 2021a para uma análise da *estrutura lógica* da noção de *genealogia*, tal como essa noção foi proposta e aplicada à *história do pensamento* por Foucault, pondo-a como uma *quantidade*, no sentido lógico-hegeliano do termo (HEGEL 2016, p. 197-213).

objetos significativos de um sujeito, de um gênero ou de um Espírito, isto é, enquanto:

- a) mundo do sujeito;
- b) mundo do gênero;
- c) mundo do espírito.

Formalmente, o mundo estratificado pode ser apresentado, portanto, pela seguinte estrutura:

$$\text{MundoEstrat} = \left[\begin{array}{c} \text{Mundo-do-sujeito} \\ \downarrow_{\text{suprsuj}} \\ \text{Mundo-do-gênero} \\ \downarrow_{\text{suprger}} \\ \text{Mundo-do-espírito} \end{array} \right]$$

Onde:

- a) $\mapsto \text{suprsuj}$ é a relação resultante da operação de *suprassunção dos sujeitos individuais* do mundo-do-gênero;
- b) $\mapsto \text{suprger}$ é a relação resultante da operação de *suprassunção das gerações* do gênero do mundo-do-espírito.

Note-se, porém, que os gêneros (e consequentemente os gêneros setoriais introduzidos no presente trabalho) não têm suas sucessões geracionais explicitadas. A explicitação dessas sucessões geracionais exige uma *estratificação genealógica* dos gêneros, que não estamos considerando aqui.

Em consequência, a operação de *suprassunção de gerações*, que constitui o conceito lógico de a partir do , trata o como uma *estrutura monolítica*, não como uma *sucessão de gerações*, como seria o caso se sua *estratificação genealógica* tivesse sido explicitada.³⁰

4 O conceito de mundo setorial

Esta seção trata do *particionamento* de dois dos subtipos de conceito Mundo, quais sejam, os mundos múltiplos (Mundo-do-gênero e Mundo-do-espírito). Isto é, a seção trata da divisão desses mundos em partes que são disjuntas entre si, mas cuja união compõe a totalidade do mundo a que pertencem, partes que denominamos *setores*,

com o mundo resultante sendo denominado *mundo setorial*.³¹

4.1 As operações de particionamento e superposição

Introduzimos, nesta subseção, a operação de *particionamento de ideias* e a operação de *superposição de partições de ideias* com as quais, na seção 4.2, derivamos o conceito *Mundo setorial* a partir do conceito *Mundo particionado*.

4.1.1 Particionamento e partições de universos

Uma *partição* de um universo U é uma divisão desse universo em um conjunto de setores S_i (onde $i = 1, 2, \dots, n$), de modo que³²:

- a *união* de todos esses setores recupera a totalidade do universo: $U = \cup_i \{S_i\}$;
- os setores são *mutuamente disjuntos*: $S_i \cap S_j = \perp$, para $i \neq j$.

Denominamos *particionamento* qualquer operação que, dado um universo , gera uma *partição* de . Denotamos qualquer *operador de particionamento* de na forma: .

4.1.2 A operação de particionamento de ideias

A operação de *particionamento de ideias*, com a qual se obtém *ideias setoriais*, é obtido pelo *particionamento simultâneo e correlativo da objetividade* e do *conceito* da ideia.

Isto é, dada uma *ideia* (teórica, prática ou absoluta) $[C-O]$, uma *partição* dessa ideia absoluta é uma estrutura:

$$\text{part}([C - O]) \subseteq [\{C_i\} - \{O_j\}]_{i,j=1,2,\dots,n}$$

Onde:

- $\{C_i\} = \{C_1, \dots, C_n\}$ é um conjunto de *conceitos setoriais*, cada conceito setorial sendo um *conceito particular* relativamente ao conceito , tomado como *universal*, isto é: vale o juízo $C \rightarrow C_j$, para todo $j=1, \dots, m$;

³⁰ Sobre o conceito lógico de *genealogia*, ver nota 30.

³¹ Sobre a noção conjunto-teórica de *partição*, ver: https://en.wikipedia.org/wiki/Partition_of_a_set. Acesso em: 14 nov. 2021.

³² "U" denota a *união* de setores, "∩" denota a *interseção* de setores, "⊥" denota o *setor vazio*.

- $\{O_j\} = \{O_1, \dots, O_n\}$ é o *particionamento* da objetividade, tomada como um *universo*, cada constituindo uma *objetividade setorial*;
- $[C_i - O_j]$ indica que o *conceito setorial* C_i e a *objetividade setorial* O_j constituem uma *ideia setorial*;

de modo que:

$$\text{part}([C - O]) \subseteq \{[C_i - O_j] \mid i = 1, 2, \dots, n; j = 1, 2, \dots, m\}$$

sendo denominado (n, m) a *ordem* do operador.

Note-se que:

- quando o *particionamento* da ideia $[C - O]$ é tal que a uma dada *objetividade setorial* não é atribuído nenhum *conceito setorial*, dizemos que é *obscura* para o *particionamento* em questão, o que denotamos por $[1 - O_j]$;
- quando o *particionamento* da ideia $[C - O]$ é tal que a um dado *conceito setorial* C_i não é atribuída nenhuma *objetividade setorial*, dizemos que C_i é *vazio* para o *particionamento* em questão, o que denotamos por $[C_i - 1]$.

Assim, dada a *ideia* $[C - O]$ e o conjunto de *operadores de particionamento homogêneos* part' , ..., part'^{\dots} , vale que:

$$\begin{aligned} \text{part}'([C - O]) &= \{[C_i' - O_j] \mid i, j \text{ adequados}\} \\ \text{part}'^{\dots}([C - O]) &= \{[C_i'^{\dots} - O_j] \mid i, j \text{ adequados}\} \end{aligned}$$

e a *superposição* dessas *partições* de $[C - O]$ é a estrutura dada por:

$$\begin{aligned} \text{superp}(\text{part}'([C - O]), \dots, \text{part}'^{\dots}([C - O])) = \\ \text{superp}(\{[C_i' - O_j] \mid i, j \text{ adequados}\}, \dots, \{[C_i'^{\dots} - O_j] \mid i, j \text{ adequados}\}) = \\ \{[C_i', \dots, C_i'^{\dots}] - O_j \mid i', \dots, i'^{\dots}, j \text{ adequados}\} \end{aligned}$$

onde:

4.1.3 A operação de superposição de partições de ideias

Uma mesma *ideia* $[C - O]$ pode ser *particionada* por diferentes *operadores de particionamento*, produzindo diferentes *partições* daquela ideia.

Dizemos que dois ou mais *operadores de particionamento* da *ideia* $[C - O]$ são *homogêneos* se e somente se:

- eles têm a mesma *ordem* (n, m) ;
- são tais que todos *particionam* a *objetividade* exatamente nas mesmas *objetividades setoriais* $\{O_j\}$.

A *superposição* das *partições* de uma mesma *ideia* $[C - O]$, obtidas por meio de duas ou mais *operações de particionamento homogêneas*, é constituída pela *superposição*, em cada *objetividade setorial* O_j , dos *conceitos setoriais* que lhe são atribuídos pelas diferentes *operações de particionamento*, isto é, pela atribuição a O_j da *coleção* desses *conceitos setoriais*.

- $[\{C'_j, \dots, C'_{j' \dots j'}\} - O_i]$ é a *ideia setorial superposta* constituída sobre a *objetividade setorial* O'_i pelos *conceitos setoriais superpostos* $C'_j, \dots, C'_{j' \dots j'}$.

Note-se que uma *ideia setorial superposta* $[\{C'_j, \dots, C'_{j' \dots j'}\} - O_i]$ pode ser:

- a) *ideia setorial obscura*, quando $\{C'_j, \dots, C'_{j' \dots j'}\} = \perp$, tendo então a forma:

$$[\perp - O_i];$$

- b) *ideia setorial vazia*, quando $O_i = \perp$, tendo então a forma:

$$[\{C'_j, \dots, C'_{j' \dots j'}\} - \perp].$$

Por exemplo, considerando o caso do particionamento do conjunto de *Pessoas* pelos conceitos considerados na *interseccionalidade* examinada por Kimberlé Crenshaw (Figura 1), temos:

$$C = \{\text{Mulheres, Negros, Brancos, Homens}\}$$

$$O = \{\text{GrupoPessoas', GrupoPessoas'',}$$

$$\text{GrupoPessoas''', GrupoPessoas''''},$$

$$\text{GrupoPessoas'''''}\}$$

Onde se vê que o conjunto de *conceitos setoriais* tem mais elementos que o conjunto das

objetividades setoriais, de modo que se tem:

$$[C - O] =$$

$$\{\{\text{Mulheres} - \text{GrupoPessoas'}\},$$

$$[\text{Negros} - \text{GrupoPessoas''}],$$

$$[\text{Brancos} - \text{GrupoPessoas'''}],$$

$$[\text{Homens} - \text{GrupoPessoas''''}],$$

$$[\perp - \text{GrupoPessoas'''''}]\}$$

onde "*GrupoPessoas''''''''*" tem o papel de *objetividade obscura*.

Note-se que esse tipo de expressão diferencia entre as representações dos *conceitos setoriais* e das *objetividades setoriais*, ao contrário do diagrama, que representa *conceitos* e *objetividades* juntos, por meio de um só recurso, as *elipses de Venn*. Além disso, esse tipo de expressão admite representar mais de uma *objetividade obscura*, enquanto no diagrama todas elas são representadas por um só recurso, o *espaço vazio*.

4.2 As formas do conceito de mundo setorial

Podemos aplicar, agora, as *operações lógicas* de *particionamento de ideias* e de *superposição de*

partições de ideias, introduzidas na subseção 4.1, às ideias *gênero* e *espírito*, para derivar as ideias setoriais *gênero setorial* e *espírito setorial*, e as respectivas formas do conceito *mundo setorial*: *mundo do gênero setorial* e *mundo do espírito setorial*. Adicionalmente, definimos aqui os conceitos de *sujeito de gênero* e *sujeito de gênero setorial*.

4.2.1 Gênero setorial e mundo de gênero setorial

A *superposição* de um conjunto de *partições* da ideia de *Gênero* resulta em um conjunto de *Gêneros setoriais*. Assim, como um gênero *Gen* é composto por um *Sujeito genérico*, que denotamos por *SujGen*, e um *mundo de gênero*, que denotamos por *MundGen*, temos:

$$Gen = [SujGen - MundGen]$$

Uma *partição* de *Gen* é uma estrutura dada por:

$$part(Gen) = \{ [SujGen_i - MundGen_j] \mid i, j \text{ adequados} \}$$

A *superposição* de um conjunto de partições $\{part'(Gen), \dots, part'^{\dots'}(Gen)\}$ de *Gen* é dada por:

$$superp(part'(Gen), \dots, part'^{\dots'}(Gen)) = \{ GenSet_{i,j} \mid i, j \text{ adequados} \}$$

Sendo que:

- a) o gênero setorial $GenSet_{i,j}$ é a ideia setorial superposta, gerada por essa superposição de partições, tendo a forma:

$$GenSet_{i,j} = \{ [SujGen'_{i'} \dots, SujGen'_{i''}] - MundGen_j \}$$

tal que:

$$b) \text{ mundset}(GenSet_{i,j}) = MundGen_{i,j}$$

é o mundo do gênero setorial $Gen_{i,j}$;

$$c) \text{ sujset}(GenSet_{i,j}) = \{ SujGen'_{i'} \dots, SujGen'_{i''} \} \text{ é o sujeito do gênero setorial } Gen_{i,j};$$

- onde optamos por caracterizar $\text{sujset}(GenSet_{i,j})$ por um conjunto de sujeitos genéricos setoriais, $\{SujGen'_{i'} \dots, SujGen'_{i''}\}$ sem antecipar qualquer operação que os consolide como um *sujeito coletivo de gênero setorial*, já que qualquer operação de *consolidação* de conjuntos de *sujeitos genéricos* em um *sujeito coletivo de gênero setorial* parece ser mais bem definida em função de cada situação de aplicação desse conceito;
- sem esquecer que o sujeito de um gênero é um *sujeito genérico*, isto é, um elemento formal que flutua referencialmente sobre os *sujeitos* individuais que constituem aquele gênero.
- Como todo *universo* é um caso particular de *particionamento de si mesmo* (isto é, todo universo é uma *partição unitária*, resultante do *particionamento identidade*), dizemos que *Gen* é um gênero setorial primitivo, com os gêneros setoriais que podem ser obtidos por outros tipos de *particionamento*, que não o da *identidade*, sendo denominados *gêneros setoriais derivados*.

4.2.2 Espírito de um gênero e espírito de um gênero setorial

Como os gêneros e gêneros setoriais considerados no presente trabalho não têm estrutura de *sucessão geracional*, a operação de *suprassunção*

de gerações introduzida a seguir, que deriva os conceitos de *Espírito* e *Espírito setorial*, opera com seus argumentos tratados como *unidades monolíticas*.

Assim, representamos a operação de *suprassunção de gerações* meramente pela operação de *encapsulamento*, caracterizada inicialmente em Costa (2019). Resulta, então, para qualquer gênero *Gen*, que o *Espírito* de *Gen*, enquanto *conceito lógico* de espírito – não ainda o espírito enquanto tal (ver Seção 3.2.5) – é dado pelo *conceito simples*:

$$\text{espir}(Gen) = [Gen]$$

Analogamente, para qualquer gênero setorial $GenSet_{i,j}$ derivado do gênero *Gen* por particionamento e superposição, resulta que o *Espírito setorial* de $GenSet_{i,j}$ é dado, igualmente, por um *conceito simples*:

$$\text{espirset}(Gen_{i,j}) = [Gen_{i,j}]$$

4.2.3 Sujeito de um gênero e sujeito setorial de um gênero setorial

Um *sujeito setorial* do gênero setorial $GenSet_{i,j}$, derivado de um gênero *Gen*, é qualquer *sujeito individual* *suj* cuja *individualidade* tenha sido *suprassumida* em algum dos *sujeitos genéricos setoriais* $SujGen_{i',m}'$ do gênero setorial $GenSet_{i,j}$. Com isso, o *mundo setorial* $MundGen_i$ de $GenSet_{i,j}$ é, também, *mundo* do *sujeito setorial* *suj*.

Assim, se *suj* é um *sujeito setorial* do gênero setorial $Gen_{i,j}$ então:

d) $suj < sujset(GenSet_{i,j})$ denota que a *individualidade* de *suj* foi *suprassumida* em algum *sujeito genérico setorial* $SujGen_{i',m}'$ do *sujeito* do gênero setorial $sujset(GenSet_{i,j})$;

e) $suj < mundset(GenSet_{i,j})$ denota que $mundset(Gen_i)$ é o *mundo* de *suj*.

Note-se que um *sujeito individual* *suj* pode ser *sujeito setorial* de qualquer quantidade de *gêneros setoriais*, derivados de qualquer quantidade de *gêneros* diferentes.

Note-se, também, que se *suj* é *sujeito setorial* do gênero setorial $GenSet_{i,j}$ do gênero *Gen* então, o *espírito de gênero* de *suj* é o mesmo de *Gen* e o *espírito setorial* de *suj* é o mesmo de $GenSet_{i,j}$:

$$\text{espirgen}(suj) = \text{espir}(Gen) = [Gen]$$

$$\text{espirset}(suj) = \text{espir}(GenSet_{i,j}) = [GenSet_{i,j}]$$

4.3 Os três níveis de mundos setoriais

Resumimos o resultado da derivação realizada acima conforme o esquema abaixo, representando o que chamamos de *mundo estratificado setorial*:



5 A articulação lógico-operatória das noções de interseccionalidade e lugar de fala

Nesta seção, fazemos uso de dois conceitos: *mundo estratificado setorial*, definida acima, e *figura de uma ideia*, definida a seguir, para articular de modo lógico-operatório as noções de *interseccionalidade* e *lugar de fala*.

5.1 A noção de figura de uma ideia

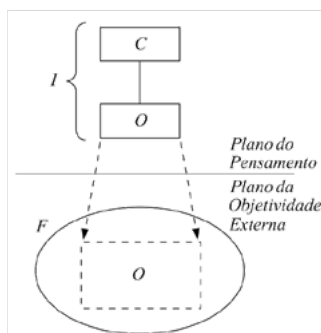
A noção de *figura* de uma *ideia* $[C-O]$ deriva da consideração da realização da *objetividade* O da *ideia* no *plano da objetividade externa*, que está situada fora do *plano do pensamento*:

a) uma *figura* F de uma *ideia*

$I = [C - O]$ é uma *forma* F realizada no *plano da objetividade externa*, mas de um modo tal que a *objetividade* O da *ideia* I esteja compreendida em F .

A Figura 14 ilustra a *relação de realização* de uma *ideia* $I = [C - O]$ por uma *figura* F , as setas tracejadas denotando essa relação.

Figura 14 – Realização de uma *ideia* por uma *figura*



Fonte: Elaboração própria (2021).

A Figura 14 mostra que, no caso geral, a *figura* F concretiza *mais* do que está contido na *objetividade* O , fazendo com que não haja *identidade* entre a *ideia* e a *figura* que a realiza na *objetividade externa*. Somente no caso das *ideias absolutas*, realizadas no próprio *plano do pensamento*, não no *plano da objetividade externa*, é que a cobertura de O por F se torna exata e ocorre a *identidade* entre a *ideia* e a *figura*.

No caso de uma *ideia* I que se realiza no *plano da objetividade externa*, a *identidade* entre O e F não é possível por causa da *finitude* de F , finitude que é determinada pelo próprio *plano da objetividade externa*. A *finitude* de F não possibilita que F realize apenas a *objetividade* de O : a *finitude* da *figura* F faz essa *figura* ter uma determinação que, em geral, é *inseparável* da determinação de várias outras *figuras*, as quais realizam *outras ideias* – portanto outros *conceitos* e outras *objetividades* –, impedindo com isso que F cubra de modo exato.

Denotamos por $I \rightarrow F$ o fato de que F é uma *figura* da *ideia* I no *plano da objetividade externa*.

5.2 A articulação lógico-operatória das noções de interseccionalidade e lugar de fala

Para articular operatoriamente as noções de *interseccionalidade* e *lugar de fala*, tomamos como base a *intuição usual* de que uma *seção* ou *interseção* do *esquema de interseccionalidade* de uma dada *realidade social* opera como *lugar de fala* dos *sujeitos* dessa *realidade social* que estão marcados por aquela *seção* ou *interseção*.

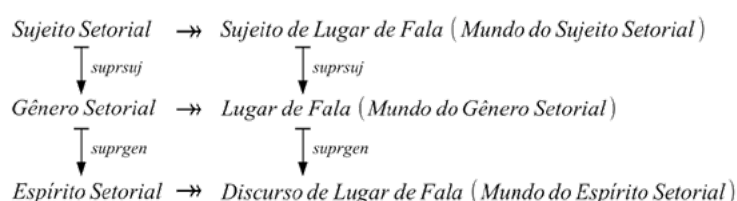
Então, consideramos:

- a) a *realidade social* como sendo a *figura* que realiza, no *plano da objetividade externa*, a *ideia* representada pelo *esquema de interseccionalidade*;
- b) a *população* da *realidade social* como sendo um universo de *sujeitos individuais*;
- c) as *seções* e *interseções* do *esquema de interseccionalidade* como sendo os *gêneros setoriais* desse universo de *sujeitos individuais*;

- d) os mundos setoriais desses gêneros setoriais como sendo os lugares de fala desses gêneros setoriais;
- e) os discursos performados a partir dos lugares de fala como sendo as figuras que realizam, na realidade social, os espíritos setoriais dos gêneros setoriais realizados por esses lugares de fala.

As noções de *interseccionalidade* e *lugar de fala* podem ser articuladas, então, conforme mostrado na Figura 15.

Figura 15 – A articulação lógico-operatória das noções de *lugar de fala* e *interseccionalidade*



Fonte: Elaboração própria (2021)

Na Figura 15:

- a) as setas da forma " \mapsto^{suprsuj} " e " $\mapsto^{\text{suprgerj}}$ " denotam, como antes, as relações que *setorializam* as ideias de *sujeito*, *gênero* e *espírito*, captando operatoricamente a noção de *interseccionalidade*;
- b) as setas da forma " \rightarrow " denotam a relação de *realização de ideias*, indicando, para cada *ideia setorial* (*sujeito setorial*, *gênero setorial*, *espírito setorial*) qual é a *figura da realidade social* (*sujeito de lugar de fala*, *lugar de fala*, *discurso de lugar de fala*) que realiza o *mundo setorial* daquela ideia setorial;
- c) de modo que cada linha na Figura 15 tem a forma geral: $I \rightarrow F(M)$, onde: I é uma *ideia* (*sujeito*, *gênero*, *espírito*), M é o *mundo* dessa *ideia*, e F é a *figura* que realiza esse *mundo*;
- d) cada linha $I \rightarrow F(M)$ pode ser lida, então, como: F é a *figura* que realiza o *mundo* M da *ideia* I .

analítico, voltado para a *análise individualizada* de noções, como um *recurso estruturador*, voltado para a *explicitação* da articulação lógico-operatória de *sistemas de conceitos* (COSTA, 2019).

Nesse sentido, é preciso indicar que a análise conceitual realizada neste artigo tem íntima conexão com os conceitos e procedimentos que introduzimos, em Costa (2017), para a apresentação formalizada de *sistemas ideológicos situados*. A apresentação detalhada do modo com que se dá essa conexão precisa ficar, porém, para um trabalho posterior.

Quanto a essa conexão com *sistemas ideológicos*, convém observar, sobre a *estrutura multidimensional* dos *esquemas de interseccionalidade*, que são esquemas cujo conhecimento pode ganhar muito quando eles são tratados por técnicas de *análise estatística* aplicadas a suas *realizações populacionais efetivas* – (MARCONDES *et al.*, 2013; PINHEIRO *et al.*, 2016) –, mas cujas *realizações populacionais efetivas* só podem mesmo ser *apreendidas conceitualmente* – especialmente em suas significações *políticas* e *ideológicas* – por meio daquelas *explicitações*, formais ou informais, de suas *articulações lógico-operatórias*.

Finalmente, observamos que, em termos gerais, a Figura 15 mostra que a relação de *realização de ideias* projeta a relação de *setorialidade*

6 Considerações finais

A articulação lógico-operatória das noções de *interseccionalidade* e *lugar de fala*, introduzida neste artigo, ilustra a *proposta metodológica* que é própria do esforço de formalização da *Lógica* de Hegel que vimos realizando: a *Lógica* de Hegel parece ser melhor utilizada, enquanto *órgano* do conhecimento, mais do que como um *recurso*

de ideias, própria do plano das ideias, sobre o plano das figuras de ideias. Mais precisamente: a relação de realização de ideias projeta as operações de particionamento de ideias e superposição de partições de ideias, do plano do pensamento, sobre o plano da objetividade externa.

Referências

AKOTIRENE, C. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.

AMARAL, M. F. Lugares de Fala: Um conceito para Abordar o Segmento Popular da Grande Imprensa. *Contracampo*, Niterói, v. 12, p. 103-114, jan./jul., 2005.

COSTA, A. C. R. Situated Ideological Systems: A Formal Concept, a Computational Notation, some Applications. *Axiomathes*, Cham, v. 27, p. 15-78, 2017.

COSTA, A. C. R. *Para uma Leitura Operatória da Lógica de Hegel – Experimentos Iniciais*. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

COSTA, A. C. R. Derivação do Silogismo Sujeito-Gênero-Espírito que está Implícito na Noção de Vida da Ciência da Lógica de Hegel. *Revista Ágora Filosófica*, Boa Vista, v. 20, n. 3, p. 25-82, 2020a.

COSTA, A. C. R. A Derivação da Noção de Objeto na "Ciência da Lógica" de Hegel: Uma apresentação esquemática. *Revista Opinião Filosófica*, Porto Alegre, v. 11, n. 1E, p. 1-15, 2020b. (Dossiê: Teoria do Objeto na Lógica de Hegel).

COSTA, A. C. R. *Estruturalismo e Finitude, Pós-Estruturalismo e Progressão Infinita*: Uma Análise Lógico-Hegeiana da Apresentação do Estruturalismo e do Pós-Estruturalismo por James Williams. Artigo apresentado em 16/09/2021 na XXI Semana Acadêmica do PPGFil da PUCRS, 2021a. No prelo.

COSTA, A. C. R. *O conceito Hegeliano de Objetividade ideal e a Noção Contemporânea de Modelo Matemático*. Porto Alegre: PPGFil/PUCRS, 2021b. Submetido à publicação.

COLLINS, P. H. Comment on Hekman's "Truth and Method: Feminist Standpoint Theory Revisited": Where's the Power? *Signs*, Chicago, v. 22, n. 2, p. 375-381, 1997.

COLLINS, P. H. & BILGE, S. *Interseccionalidade*. Cambridge: Polity Press, 2016.

CRENSHAW, K. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *University of Chicago Legal Forum*, Chicago, n. 1, p. 139-167, 1989.

HARAWAY, D. Saberes Localizados: A Questão da Ciência para o Feminismo e o Privilégio da Perspectiva Parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 5, p. 7-41, 1995.

HARDING, S. *Whose science? Whose knowledge? Thinking from women's lives*. Ithaca: Cornell University Press, 1991.

HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 2002.

HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio – Volume I: A Ciência da Lógica*. São Paulo: Loyola, 2012.

HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica – Doutrina do Ser*. Petrópolis: Vozes, 2016.

HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica – Doutrina do conceito*. Petrópolis: Vozes, 2018.

HOLLANDA, H. B. *Interseccionalidades: Pioneiras do Feminismo Negro Brasileiro*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

MARCONDES, M. M.; PINHEIRO, L.; QUEIROZ, C.; QUEIRINO, A. C.; VALVERDE, D. (org.). *Dossiê Mulheres Negras – Retrato das Condições de Vida da Mulheres Negras no Brasil*. Brasília: IPEA, 2013.

MARX, K.; ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MOMBAÇA, J. *Notas estratégicas quanto aos usos políticos do conceito de lugar de fala*. In: *Buala*. Lisboa, 19 jul. 2017. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/corpo/notas-estrategicas-quanto-aos-usos-politicos-do-conceito-de-lugar-de-fala>. Acesso em: 14 nov. 2021.

NG, K. *Hegel's Concept of Life: Self-Consciousness, Freedom, Logic*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

PINHEIRO, L. S.; LIMA Jr., A. T.; FONTOURA, N. O.; SILVA, R. (org.). *Mulheres no Trabalho: Breve Análise do Período 2004-2014*. Brasília: IPEA, 2016. (Nota Técnica, n. 24).

RIBEIRO, D. *Lugar de Fala*. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

ROLIN, K. Standpoint Theory as a Methodology for the Study of Power Relations. *Hypatia*, Cambridge, v. 24, n. 4, p. 218-226, 2009.

SILVA, M. Z. A. *Vida e Finalismo na Ciência da Lógica*. Campinas: Editora Phi, 2018.

Agradecimentos

Aos profs. Agemir Bavaresco e Nuno Castanheira, pelos comentários à proposta inicial deste artigo. Aos dois revisores anônimos da *Veritas*, pelas sugestões e reparos. Ao prof. Norman Madarasz, por suas disciplinas sobre filosofia contemporânea. Aos profs. Nythamar de Oliveira e Agemir Bavaresco, pela produção do evento continuado *Conjunturas*, que abriu um importante espaço de contemporaneidade no PPGFil/PUCRS.

Antônio Carlos da Rocha Costa

Doutor em Ciência da Computação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil; doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil; professor aposentado da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), em Rio Grande, RS, Brasil.

Endereço para correspondência

Antônio Carlos da Rocha Costa

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Programa de Pós-Graduação em Filosofia

Av. Ipiranga 6681, Bloco 8

Partenon, 90619-900

Porto Alegre, RS, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá
Comunicação e submetidos para validação do autor
antes da publicação.*